

A UNIVERSIDADE PÚBLICA E A ESCOLA PÚBLICA. O que elas têm em comum?

Cinthia Cristina dos Santos¹

O título do presente ensaio nos apresenta uma questão aparentemente fácil de ser respondida: ora, se a universidade é pública e a escola é pública, o que elas têm em comum é justamente o fato de serem públicas. Mas é aí que começa, na verdade, o nosso problema. Como se dá o caráter público da universidade e como se dá o caráter público das escolas básicas?

É sabido que as universidades públicas brasileiras são aquelas que oferecem cursos reconhecidamente de alta qualidade e que, justamente por isso, e somando-se o fato de não serem pagas, essas instituições são palco de ampla concorrência entre os pretendentes a ingressar no Ensino Superior. Primeiro, devemos considerar que os pretendentes a ingressar no Ensino Superior já são, por sua própria condição, frutos de uma seleção social desde sua infância, ou seja, a família na qual cada indivíduo nasce, o capital cultural que ela carrega consigo e que transfere aos seus filhos², as instituições de ensino pelas quais esses indivíduos passam ao longo de suas vidas, tudo isso, além de outros fatores, influi para que, ao final do Ensino Médio, o indivíduo ‘escolha’ ou não dar continuidade aos estudos.

E se não é ali que começa a seleção social explícita, por exemplo, nos vestibulares dessas universidades, também não é ali que ela termina. A hierarquização do ensino se dá, hoje, desde a

¹ Licenciada em Ciências Sociais e graduanda do bacharelado em Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista do Pibid/Sociologia/Unicamp. E-mail: cinthiacsantos@gmail.com

² Capital cultural se refere, para Pierre Bourdieu, a todo o trabalho de assimilação e inculcamento cultural ao qual o indivíduo está sujeito de acordo com as relações sociais que estabelece desde a infância, refere-se aos bens culturais como quadros, livros, instrumentos, máquinas etc. a que o indivíduo tem acesso, e aos títulos escolares que cada indivíduo adquire ao longo da vida.

educação infantil. Ao longo de todo o processo de Educação Básica, que no Brasil vai até o Ensino Médio, um funil vai segurando jovens no meio de seu processo de aprendizagem formal ao mesmo tempo em que deixa outros passarem. Aqueles que, em algum momento, não passam por esse funil, ou começam logo a trabalhar e a ajudar no sustento da família, ou entram para o mundo do crime (tráfico, roubo etc.) ou, ainda, vivem sua juventude como vadios – falo daqueles que, mesmo não tendo a obrigação de trabalhar quando jovens, também não se dedicam aos estudos nem às artes em geral. Salvo uma minoria que encontra na rua, e não na escola, uma arte com a qual se identifica (como o grafite, o *skate*, o rap, o funk), desenvolvendo-se humanamente a partir dela – essa arte muitas vezes é trazida para dentro da escola³, seja através de uma ‘pichação’, de um desenho fora de hora no caderno, uma letra de música, uma gravação no celular, porém ela é sempre marginalizada na escola. Daqueles que passam pelo funil⁴ e chegam até o final do Ensino Médio, com seus 17, 18 anos ou mais – dependendo do número de repetências que cada aluno carregou ao longo desse processo –, existem aqueles que vão ingressar direto no mercado de trabalho – ou, já tendo ingressado anteriormente, vão apenas continuar nele –, aqueles que vão se dedicar ainda a apenas um curso técnico – já trabalhando ou esperando terminar essa formação para começar a trabalhar, ainda que alguns possam eventualmente dar continuidade aos estudos após o curso técnico –, e aqueles que vão fazer um curso de nível superior⁵.

Mas se vivemos numa sociedade de classes e nossas crianças estão sujeitas, desde cedo, ou aos privilégios de uma

3 Estamos falando das escolas públicas, já que as escolas privadas são as que dão as condições objetivas necessárias para que o estudante passe muito mais tranquilamente por esse funil.

4 Aqui, refiro-me a ambas as instituições de ensino (pública e privada), visto que o fato de indivíduo estudar em escola pública não quer dizer que, necessariamente, ele não vá passar pelo funil, mas apenas que essa passagem é mais intrincada.

5 Vale lembrar que hoje temos também no Brasil os cursos tecnológicos, que são cursos com duração de dois anos aproximadamente e garantem ao formando um título de tecnólogo.

pequena camada ou às misérias de uma grande maioria, é certo que a hierarquização do ensino se dá também no nível superior, aliás ele é um dos motivos para se manter tamanha seleção social ao longo da vida escolar das crianças e dos jovens. No sistema capitalista de produção, a educação de qualidade sempre foi privilégio de poucos. A hierarquização do ensino é fruto, portanto, de interesses de classe. Tanto que, mesmo no ensino superior, ou seja, depois de tanta seleção social, encontramos ainda mais hierarquização: principalmente entre instituições públicas e privadas⁶; em seguida, dentro das instituições públicas, encontramos os cursos mais concorridos e os menos concorridos; os cursos integrais e os cursos noturnos; as licenciaturas e os bacharelados. E depois de tudo isso, temos ainda uma outra seleção que se dá entre aqueles indivíduos que serão pesquisadores e/ou professores das próprias universidades públicas⁷ e aqueles que ingressarão no mercado de trabalho assim que tiverem em mãos os seus diplomas – ou até mesmo antes disso.

Então, comecemos a pensar propriamente as Ciências Sociais, tanto como um curso que é dos menos concorridos dentro das universidades públicas quanto como um curso que é oferecido, dependendo da instituição, em período integral e no período noturno – configurando turmas diferentes –, e ainda como um curso que vive a dicotomia bacharelado *versus* licenciatura. O bacharel, não tendo em vista um amplo mercado de trabalho, supostamente dará

6 Apesar de todos os níveis de ensino estarem sujeitos a essa hierarquização entre instituição de ensino pública e instituição de ensino privada, é notório que em determinado momento há uma inversão de qualidade do que é público e do que é privado, ou seja, a escola básica pública é, geralmente, de baixa qualidade, enquanto a universidade pública é de boa qualidade. A mesma inversão se dá no ensino privado, de modo que a educação básica particular é, no geral, considerada de boa qualidade e as faculdades e as universidades particulares não são, em sua maioria, consideradas de boa qualidade.

7 Existe a possibilidade de se tornar docente em faculdades privadas, para isso é preciso pelo menos obter um título de mestre, o que oferece mais prestígio do que o Ensino Médio (no caso da Sociologia) e menos do que o ensino superior público. Mesmo no nível básico, a rede de ensino privada confere maior prestígio social do que a rede pública, visto que a primeira oferece ao professor salários melhores do que a segunda.

continuidade aos estudos, já como pesquisador, em programas de mestrado e doutorado. O licenciado, espera-se, ingressará como professor na Educação Básica, dando continuidade ou não aos estudos em programas de mestrado e doutorado.

Agora pensemos nos quadros de professores das escolas básicas públicas, independentemente da disciplina que cada um leciona. Mesmo com uma experiência não muito longa de atuação nas escolas (seja como estagiária das disciplinas de estágio no final do curso de licenciatura, seja ainda como estagiária do Pibid ou já como professora de Sociologia no Ensino Médio), é possível afirmar que esses quadros de professores são compostos, no geral, de egressos do antigo magistério, de egressos das licenciaturas de faculdades privadas (algumas com cursos à distância) de qualidade duvidosa, e de uma minoria egressa da universidade pública (essa minoria, no geral, é jovem, apontando talvez o caráter muitas vezes passageiro desse tipo de atuação profissional para ela). Claro que não podemos deixar de levar em consideração que a Sociologia retornou à Educação Básica, e como disciplina obrigatória, apenas em 2008. Por isso, seria necessário pesquisar onde foram atuar profissionalmente aqueles que se licenciaram em Ciências Sociais antes de 2008. Enfim, o professor de Sociologia na escola é um quadro novo e, por isso, tudo que escrevemos até aqui são suposições que precisarão ser confirmadas cientificamente.

De qualquer modo, é justamente nesse novo contexto – de obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio – que aparece o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, da Capes (Pibid)⁸, e é sobre esse Programa, suas possibilidades e limites de atuação nas escolas públicas que trataremos até o final deste texto. Porém, é preciso ressaltar que as experiências aqui relatadas e as inferências feitas a partir delas dizem respeito ao Subprojeto Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da

8 Que contempla outras licenciaturas também, como Matemática, Biologia, Geografia etc.

Universidade Estadual de Camoinas (IFCH-Unicamp). Se elas refletem outras realidades, de outros projetos ou subprojetos Brasil afora, ainda não é possível estabelecer relações entre elas, não com rigor sociológico.

Sobre nossas experiências em 2012, podemos dizer que dedicamos parte de nosso trabalho à Escola Estadual Reverendo Professor José Nogueira, localizada no bairro Boa Vista, em Campinas. Como o Subprojeto Sociologia já existia no IFCH desde 2010, e sempre no formato de dividir os estagiários bolsistas por salas – ou seja, cada estagiário sempre teve uma sala fixa em cada escola onde atuou –, resolvermos mudar a forma de organização do grupo que iria trabalhar na E. E. Nogueira, a fim de termos uma atuação mais orgânica perante os alunos e a escola como um todo. Dessa maneira, entrávamos em três, quatro ou cinco estagiários nas salas de aula. Inicialmente, a estratégia deu certo, fomos bem recebidos pelos alunos e eles receberam bem nossas primeiras atividades, que foram a apreciação da música “Estudo Errado” (1995), do compositor Gabriel o pensador, e a confecção de cartazes que expusessem o que eles pensavam da escola. Como tínhamos a intenção de gravar em vídeo as nossas atividades, conseguimos fazer um registro incrível de uma das turmas extremamente concentrada na leitura da letra da música enquanto ela era tocada no *mini system* da escola.

Nossa ideia era trabalhar o tema “Classes Sociais e Escola” no segundo semestre de 2012 – visto que chegamos na escola no meio do segundo bimestre do ano letivo e logo os alunos entrariam em férias. Para tanto, preparamos o documentário *Pro dia nascer feliz* (2007) e um roteiro de questões que direcionasse o olhar dos alunos, ao assistirem o filme, para o tema proposto. Depois disso, os estagiários organizaram um esquema de aula para ser realizada em roda de discussão, que partia da leitura do filme e deveria chegar numa aula expositiva sobre o surgimento do capitalismo: passando

pelo feudalismo, pela Revolução Industrial, migração do campo para a cidade, acumulação primitiva de capital e o início da escola proposta pela burguesia, que entendemos ser a escola de hoje – um roteiro de aula foi elaborado pelo grupo, mas cada estagiário se organizaria individualmente e se responsabilizaria por uma aula, pelo menos. A ideia era a de que, ao longo dos nossos encontros, os alunos percebessem a escola como reprodutora das condições de classe já existentes na estrutura da sociedade capitalista. O objetivo final era que os alunos organizassem um grêmio estudantil na escola.

Porém, nessa aula expositiva em roda de discussão, nós, estagiários, começamos a nos desentender. Primeiro porque não respeitamos o combinado de cada um ficar responsável por uma aula, segundo porque alguns estagiários apresentavam alguma hesitação em assumir o papel de professor. De modo que o trabalho em grupo começou a ficar desorganizado e a gerar o sentimento de sobrecarga, em alguns estagiários, e o de pressão, em outros. O que não é um absurdo, uma vez que o trabalho docente é deveras complexo e, a meu ver, tanto mais complexo quanto mais dificuldades se juntam àquelas que já são inerentes às dificuldades próprias da profissão, ou seja, estudar, preparar aula, selecionar material didático, falar horas em público e, no caso que analisamos no presente texto, ainda lidar com a desestrutura da escola – salas apertadas, quentes, muitos alunos por turma, difícil acesso à internet, ao *data show*, mudança de horários imprevistas, arquitetura da escola pouco convidativa a ocupar outros espaços que não a sala de aula, desorganização e ‘desinteresse’ dos alunos, gritos, brigas, barulho de todo tipo durante as aulas, bagagem de conteúdos escolares suficientemente vazia no geral. Tudo isso corrobora a afirmativa de que o professor da Educação Básica pública ao mesmo tempo em que é um profissional bastante desvalorizado socialmente no Brasil, é também aquele que assume, dentre os

diferentes ramos de trabalho docente,, aquele que se apresenta num dos mais desfavoráveis contextos e, por isso, assume também as atividades mais complexas.

Mesmo assim, continuamos nosso trabalho de elaborar aulas e realizá-las, no geral, em forma de discussão. Apesar de algumas delas não terem atingido o objetivo proposto, visto que não conseguimos elevar as discussões para além do senso comum – tanto pelo fato de estarmos desorganizados e desestimulados quanto pelo fato de os estudantes estarem fechados a outra forma de pensar se não a de ser um receptáculo de verdades absolutas –, outras aulas foram além das nossas expectativas, e parte significativa dos estudantes compreenderam na prática, principalmente através da já conhecida Dinâmica da Fábrica de Sapatos⁹, conceitos como mais-valia, exploração do trabalho, classe social, luta de classes etc.

Os êxitos obtidos durante a experiência descrita foram, portanto, pontuais, assim como ocorre com os próprios professores

9 A dinâmica da fábrica de sapatos encontra-se publicada no livro *Empírica: metodologia de incubação* (2009), organizado e publicado pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Estadual de Campinas (ITCP-Unicamp). A dinâmica, adaptada por nós, consiste em simular uma fábrica de sapatos no espaço da sala de aula: os operários seriam os próprios alunos; o dono da fábrica, o professor; o gerente, o estagiário; a matéria prima, folhas de jornal; o produto final seria o jornal picado (cada pedacinho de papel corresponde a um sapato, que corresponde também ao preço do sapato em dinheiro). Ao final da “jornada” (simulada pelos alunos em fila picando papel, ou seja, produzindo sapatos) resta “distribuir” as riquezas. Os salários de cada operário e do gerente são pagos conforme acordo inicial feito em cada turma. Alguns papezinhos são usados para o pagamento de contas e gastos da fábrica, e o que sobra (uma grande quantidade) é o lucro do dono da fábrica, representado pelo professor. A partir desse ponto, o professor, despido de seu personagem, pode começar a problematizar e conceituar o que acabava de ser executado, por exemplo, mostrando o próprio processo de acumulação capitalista (aquela montanha de papéis que fica para o dono pode ser usada para os mais diversos investimentos capitalistas); discutindo a ideologia por trás daquele salário acordado no início da dinâmica, que apenas paga a força de trabalho (sua reprodução para uma próxima jornada), mas não o trabalho efetivamente realizado (o que de fato se produziu). Neste ponto, fica fácil a enunciação do conceito de mais-valia, isto é, aquela quantidade de valor que resta da subtração entre o valor efetivamente produzido (produção total) e o valor pago aos operários (os salários) – conceito que é a essência do lucro e do capital, segundo Karl Marx.

no dia a dia da escola. Os insucessos¹⁰, acredito, foram para nós mais constantes. Mas o insucesso na escola só nos faz refletir e começar a investigar não só os problemas da escola pública, mas também os problemas da universidade pública.

Não por acaso, desde o início de 2012, o Pibid-Sociologia do IFCH manteve um grupo de estudos, no qual pudemos ler textos de autores clássicos da Pedagogia e das Ciências Sociais e discutir sobre eles, tentando dialogar, então, com a nossa prática nas escolas. Tarefa difícil. O encontro entre teoria e prática é o ponto essencial para que nosso trabalho como cientistas sociais (tanto bacharéis quanto licenciados) possa se transformar numa práxis revolucionária. Pois, se entendemos que a estrutura da escola privilegia os ideais educacionais da classe dominante, devemos entender também que a universidade está sob a mesma lógica, com a diferença de que todos nós, que fazemos parte desse Subprojeto, de uma forma ou de outra passamos pelo tal funil do sistema de ensino, chegando então a tão concorrida universidade pública e, por isso, hoje nos encontramos na magnânima condição de pensar a educação pública como um todo.

Mas que papel assumimos ao fazer isso? Se para Antonio Gramsci todos os homens são intelectuais (2001, p. 18), mesmo que nem todos assumam essa função na sociedade, nós, que certamente assumimos, e queremos assumir uma função intelectual na sociedade, em que tipo de categoria intelectual nos enquadrados quando pensamos a teoria de Gramsci? Estamos ligados organicamente a algum grupo social fundamental? Ou somos o intelectual de tipo tradicional, já vulgarizado no mundo moderno, como acredita o autor de *Cadernos do Cárcere*?

A teoria de Gramsci nos ajuda a pensar nossa atuação no

10 As filmagens perderam o sentido; o grêmio sequer chegou a ser discutido formalmente; não conseguimos levar os estudantes para a Flaskô (fábrica ocupada por trabalhadores no município de Sumaré-SP), muito em virtude de não termos contado com a colaboração da escola em proporcionar uma data para a visita.

Pibid, ou melhor, a pensar se nossa atuação pode ultrapassar as tarefas de um 'especialista' e ser reconhecida também como uma atuação política, o que significa lutar contra os ideais educacionais dominantes¹¹ dentro e fora da escola, uma vez que esta não está descolada de um encadeamento geral da sociedade. E a universidade, tampouco. A diferença, então, entre escola básica pública e universidade pública, no âmbito que estamos tratando, residiria no fato de que seus intelectuais pertencem a grupos sociais fundamentais diferentes. E talvez, até antagônicos. Somando-se a isso o fato de ocuparem posições diferentes na hierarquização entre o que é considerado ensino de qualidade e o que é público e privado, caímos num caminho um tanto quanto obscuro, só nos restando, agora, finalmente, investigar o que elas têm em comum – e, mais do que isso, como as Ciências Sociais vão se consolidar nesse espaço (público) até agora estranho a nós.

REFERÊNCIAS

BESKOW, C. A.; RAMOS, D. H. (org.). **Empírica: metodologia de incubação**. Campinas, SP: ITCP-Unicamp / Pro-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários – Unicamp / Instituto de Economia, 2009.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Trad. Magali de Castro. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CÂNDIDO, A. A estrutura da escola. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. M. **Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Nacional, 1964. p. 197-128.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. v. 2. Trad. Carlos Nelson Coutinho e colab. de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

PRO dia nascer feliz. Direção: João Jardim. Produção: Tambelini

11 Se for essa a nossa preferência política e não o contrário.

Filmes. 2007. 1 DVD (88'20"), color.

Recebido em: 01/05/2013

Aprovado em: 31/05/2013